

Afonso Arinos e o Sertão

DOI: 10.20396/labore.v15i00.8667307

Zanoni Neves

<https://orcid.org/0000-0001-7482-2603>

Museu Antropológico do Vale do São Francisco / Belo Horizonte [MG] Brasil

RESUMO

As origens rurais de Afonso Arinos explicam a essência de sua obra literária. Em linhas gerais, Arinos inclui-se no movimento literário denominado regionalismo, que deita raízes no romantismo de Franklin Távora e de outros autores de mesma orientação. Em seu livro *Pelo sertão*, obra seminal da literatura brasileira, Arinos bebe na fonte das classes populares: a linguagem, os temas, a mitologia, os personagens (tipos regionais), são inspirados em suas vivências no Município de Paracatu [MG], onde nasceu e onde sempre viveram parentes próximos. Outro traço marcante de sua literatura é, sem dúvida, o cerrado com sua fauna e flora, bioma onde se localiza sua cidade natal.

PALAVRAS-CHAVE

Bacia do São Francisco. Regionalismo. Cerrado. Tipos regionais.

Afonso Arinos and the “Sertão”

ABSTRACT

The literary work of Afonso Arinos, of regionalist character, and its importance for anthropological interpretation. Afonso Arinos is a author of tales, short stories about the brasilian country. His birth-place is Paracatu city, at the state of Minas Gerais [Brazil]. The arguments – preferreds in his literature – are the rural man (characters) and his language, myths, stories... The brasilian savannah (cerrado) is also current at his literature: fauna, flora, rivers.

KEYWORDS

Brazilian country. São Francisco River. Tales. Rural man. Brazilian savannah.

1. Introdução

Afonso Arinos nasceu em Paracatu, Província de Minas Gerais, em maio de 1868, filho de Virgílio Martins de Melo Franco e de Ana Leopoldina de Melo Franco. Faleceu em 1916 em Barcelona.

Afonso Arinos de Melo Franco, sobrinho do renomado contista, mencionou no prefácio do livro *Os jagunços* (1985) as origens mais remotas de sua família em Paracatu:

Os Melo Franco haviam se fixado em Paracatu desde meados do século XVIII. De então, data a carta de sesmaria firmada por Gomes Freire, que doava a João de Melo Franco terras às margens dos rios Preto e São Marcos, das quais restam ainda algumas partes em mãos da família (Melo Franco, 1985, p. 6).

Estas primeiras informações sobre as origens rurais da família são significativas para compreendermos a obra literária de Afonso Arinos. O homem sertanejo e o meio ambiente do cerrado são as marcas mais profundas da obra escrita pelo referido autor.

Neste artigo, o nome Afonso Arinos identifica o escritor nascido em 1868, ao passo que seu sobrinho é identificado pelo nome de Afonso Arinos de Melo Franco.

O presente artigo foi escrito com base no discurso de posse de seu autor como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais em 14 de março de 2009 – publicado resumidamente na Revista do IHGMG, Vol. XXXIII, em dezembro de 2009. Mas, em 1998, já havia saído o seu primeiro texto sobre a obra de Afonso Arinos (Neves, 1998, pp. 225-227).

Nossos agradecimentos ao Editor Luciano Figueiredo e sua equipe, da Revista de História da Biblioteca Nacional, pela primeira leitura deste texto, sem esquecermos a segunda leitura pelos editores da Revista da Academia Mineira de Letras.

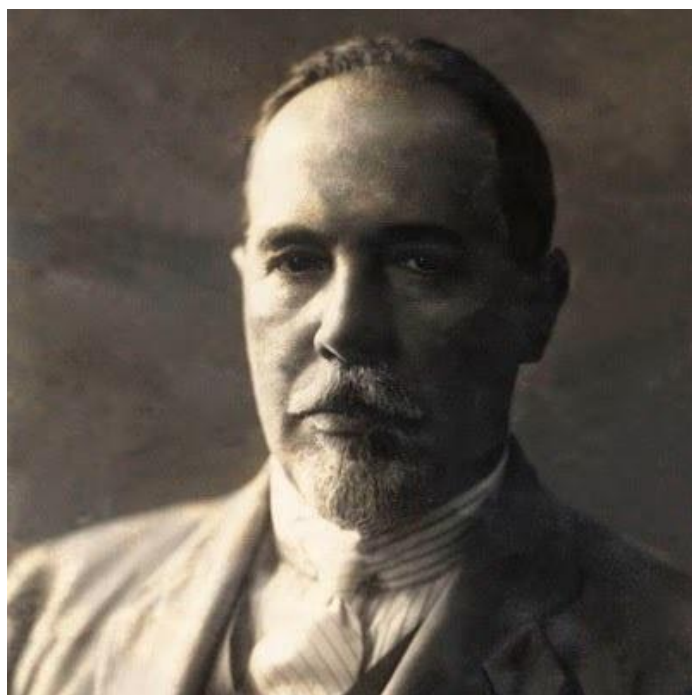


Figura 1. Afonso Arinos (1868-1916).

2. O Regionalismo na Literatura Brasileira

No segmento “Região e realidade”, do capítulo dedicado a Franklin Távora, Antônio Cândido nos esclarece:

A virtude maior de Távora foi sentir a importância literária de um levantamento regional; sentir como a ficção é beneficiada pelo contacto de uma realidade concretamente demarcada no espaço e no tempo, que serviria de limite e em certos casos, no Romantismo, de corretivo à fantasia (Cândido, 2007, p. 616).

Antônio Cândido menciona também a importância da paisagem nordestina na obra de Franklin Távora. No segmento “Fundador de linhagem”, ele refere-se à “linhagem ilustre” que se inicia com Távora – “culminada pela geração de 1930” (Idem, p. 615).

Mas, nessa importante vertente da literatura brasileira, deve-se incluir, antes da década de 1930, autores de outras regiões. Vejamos, a seguir, a opinião de Alfredo Bosi:

A linha mestra da República (com a exceção breve dos anos de estreia, militares) propiciou a consolidação das subculturas regionais, mormente daquelas que já dispunham de estruturas materiais e políticas sólidas ou em expansão. [...] A consciência aguda dos valores mineiros, paulistas, gaúchos – que deixa para a retórica da ideologia geral o vago amor à brasilidade – é traço cultural e emotivo que não encontrara condições felizes para expressar-se durante o Império (Bosi, 1977, p. 299).

As “subculturas regionais” – sobretudo, em Minas Gerais, São Paulo e no Rio Grande do Sul – ganham substância com o advento da República, sobretudo, em sua fase civilista. O autor menciona “a consciência aguda dos valores mineiros, paulistas, gaúchos” no texto de alguns escritores. Dentre esses autores, cita o mineiro Afonso Arinos. Mas deve-se acrescentar que, nas províncias, a formação dessas “subculturas”, com seus valores e costumes, bebe na fonte da cultura popular tradicional: resulta da apropriação, pelas elites, de traços da cultura popular.

Mais adiante, em seu importante ensaio, Bosi menciona as camadas sociais que constituíam as elites da nascente República:

A república foi, na sua fase mais equilibrada, uma construção de fazendeiros ou bacharéis das províncias em ascensão: o que deu uma consistência ideológica a grupos locais e acabou envolvendo certa praxis literária que se propunha reproduzir as realidades mais próximas do escritor (Bosi, 1977, p. 299).

Alfredo Bosi já se refere à literatura praticada nas classes sociais hegemônicas. Mas as “realidades mais próximas do escritor” não se localizavam em sua própria classe social, embora com ela se relacionassem. Localizavam-se nas classes populares – no homem do campo e no homem dos pequenos ofícios urbanos. Nesse sentido, é importante explicitar o fato de que os temas e personagens regionais são temas e personagens populares, que passam a ser apropriados pela elite intelectual em sua literatura. Essa elite que se distinguia pelo grau de escolaridade num país de baixos índices de alfabetização já utilizava a linguagem popular em sua literatura, tendo como protagonistas de seus contos e romances homens e mulheres povo – a gente simples do sertão. Além de Afonso Arinos, vale citar o gaúcho Simões Lopes Neto, com seus “Contos Gauchescos”, e o paulista Valdomiro Silveira com seu livro “Caboclos”.

É ainda Alfredo Bosi quem nos ensina:

O regionalismo anterior a 22 terá pontos de contacto com a literatura do sertão, paisagista e romântica, que vai de Alencar e Bernardo Guimarães ao Visconde de Taunay; mas dela se distingue por uma conaturalidade mais evidente com as fontes: daí, a maior coerência cultural [...] (Bosi, 1977, p. 299).

Quando Alfredo Bosi menciona 1922, ele está se referindo ao movimento modernista. Portanto, neste regionalismo que se situa entre o romantismo e o modernismo, figura a obra de Afonso Arinos.

Cabe enfatizar na citação acima o que o autor chama de “conaturalidade mais evidente com as fontes”. Afonso Arinos pertencia às oligarquias rurais: em Paracatu e em outras pequenas localidades, conviveu com o homem sertanejo. Daí, a conaturalidade de sua obra com temas e personagens do sertão sem se perder de vista a “coerência cultural” a que se refere Alfredo Bosi.

As fontes da literatura de Arinos são essencialmente populares - tanto os personagens quanto os temas bem como a linguagem do homem do sertão - seja ele um vaqueiro ou um barqueiro (remeiro).

3. Tipos regionais

A personagem Ana Esteireira era assim chamada “por causa do pai, empregado no ofício de fazer esteiras de taquara” (Arinos, s./d., p. 45). Mas a profissão de Ana era outra. Citamos, a seguir, um trecho do conto “A esteireira”: “Encontramo-la muita vez de saia arregaçada, metida n’água até aos joelhos, curvada sobre uma grande pedra, na qual batia as peças de roupa, depois de mergulhá-las no córrego” (Arinos, s./d., p. 45).

Certamente, esta mesma descrição poderia servir para as lavadeiras que, em décadas passadas, lavavam roupas nas pedras das cachoeiras e corredeiras dos Rios São Francisco e Paracatu, seu afluente.

Em Pirapora, por exemplo, as lavadeiras, com as roupas quarando ao sol, integravam-se à beleza da paisagem ribeirinha¹.

Os tipos regionais estão bem caracterizados na obra de Arinos. Vejamos mais um exemplo:

(Filipinho) Era um pardo de peito largo e saliente, sobre o qual assentava um pescoço de anta. Sua cabeleira preta e encrespada sustentava um leve chapéu de palha de buriti, e da ilharga esquerda pendia-lhe um grosso e pesado facão, preso a um cinturão de sola (Arinos, s./d., pp. 45-46).

Ao lermos este pequeno trecho do conto “A estereira”, imediatamente veio à nossa memória personagens reais do Médio São Francisco: roceiros e tropeiros que chegavam às cidades ribeirinhas para fazer o comércio nas feiras. De nossa infância em Pirapora [MG], lembramos o mestre Paulo com seu grande “papo” (bócio) – na ilharga, um grande facão de cabo de osso, guardado na bainha de couro. Também é tipicamente regional o chapéu de palha de buriti.

O Município de Paracatu pertence à Bacia do São Francisco. O afluente Paracatu era navegável e integrava-se ao sistema econômico regional por intermédio da navegação de barcas e vapores (Neves, 2006; Neves, 2011). Mantinha intenso comércio com Pirapora e outras cidades da região.

No conto “Pedro Barqueiro”, que se tornou um clássico da literatura brasileira, Afonso Arinos mostra as origens do protagonista e uma característica de sua personalidade:

Daí, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puseram por ter vindo dos lados do Rio S. Francisco. [...]

Um dia, como já lhe contei, apareceu lá em casa um moço pedindo auxílio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro; mas há muitos anos vivia fugido” (Arinos, s./d., pp. 95-96).

Pedro Barqueiro era remeiro do Rio São Francisco, um tripulante das antigas “barcas de figura”. A caracterização do personagem corresponde ao tipo regional – o embarcaçido que, durante dois séculos, fez a integração entre Minas, Bahia e Pernambuco através do grande rio e de seus afluentes:

Crioulo retinto, alto, troncado, pouco falante e desempenado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de aroeira. Estou com ele diante dos olhos, com aquela roupa azuleja, tingida no Barro Preto; atravessado à cinta um ferro comprido, afiado, alumando sempre, maior que um facão e menorzinho do que uma espada. Este negro metia medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto (Arinos, s/d, pp. 94-95).

O “ferro” descrito pelo grande contista era certamente a temida “lambedeira” (faca) que os remeiros costumavam usar nas cidades ribeirinhas. Outras características do personagem merecem nossa atenção tendo em vista a semelhança com os embarcaçidos das barcas de carranca: negro, forte, arrogante... Ou melhor: resistente! (Neves, 2011, pp. 197-214).

Por fim, vale conhecer como repercute no referido conto essa característica marcante da vida social dos remeiros - o conflito, a violência, a valentia:

Chegara uma precatória da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cerco à casa onde ele estava na noite do batuque. [...]

Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito jacaré de papo amarelo. [...] Chegaram a entrar na casa três homens da escolta, e todos três ficaram estendidos (Arinos, s/d, p. 95).

Pedra dos Angicos é o antigo nome de São Francisco-MG, cidade ribeirinha da margem direita do grande rio. Em geral, o batuque era em “casa de rapariga” (“na zona”).

Eram comuns os conflitos entre remeiros e policiais nas cidades da orla fluvial. “Soldado com eles cortava volta” conforme entrevista (Neves, 2011, p. 211).

4. A Linguagem

A comparação do remeiro com animais ferozes aparece frequentemente na linguagem popular da ribeira: “Remeiro era caça que cachorro acuava” (Neves, 2009, p. 94). O jacaré de papo amarelo, mencionado por

¹ O autor deste ensaio é natural de Pirapora [MG], onde residiu até os vinte e três anos de idade.

Arinos na última citação da seção anterior, possui esta característica marcante: a ferocidade. A caça encantada pelos cães – mencionada pelos ribeirinhos – tem essa mesma característica.

Na obra literária de Afonso Arinos, pode-se perceber a linguagem pitoresca de sua região, os localismos de Paracatu, o regionalismo do Vale do São Francisco. São muitas as palavras e expressões populares, os ditados e provérbios, as frases feitas, etc. Vejamos um exemplo na fala do personagem Filipinho, do conto “A esteireira”:

Diga à Valu que venha sustentar isso à minha vista; ela há de saber ‘para que é que tatu cava’ (Arinos, s./d., p. 49).

A expressão “para que é que tatu cava” é uma expressão popular.

Frequentemente, os animais do cerrado figuram na obra de Arinos, sobretudo, em situações em que ele os compara aos seus personagens. Vale lembrar, por exemplo, “o colo de nhambu”, de Ana Esteireira, e o “pescoço de anta” de Filipinho.

No conto “Joaquim Mironga”, Arinos refere-se à liderança do protagonista comparando-a a outro animal do cerrado:

[...] o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era preciso animar a rapaziada na véspera de qualquer trabalho mais difícil (Arinos, s./d., pp. 84-85).

Na comparação acima, o autor deu preferência ao termo popular (e regional) “tiú” em substituição a “teiu”, termo incorporado ao Português erudito, porém, de origem tupi conforme o mestre Silveira Bueno: “Teyu – s.m. Lagarto” (Bueno, 1984, p. 325).

No mesmo conto, Arinos menciona um apetrecho muito utilizado pelos roceiros da região. Assim fala o personagem Joaquim Mironga: “Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha” (Arinos, s./d., p. 88). A capanga é um pequeno saco de tecido grosseiro, usado a tiracolo, útil para transportar pequenos pertencentes tais como a “binga” para acender o cigarro, um pequeno canivete para cortar o fumo, a palha etc. Era um apetrecho de uso diário.

Outras palavras e expressões populares estão presentes na obra de Afonso Arinos, por exemplo: “Querendo Deus...” (Arinos, s./d., p. 21) – citada no conto “Assombramento”. Esta expressão exemplifica a existência de traços do Catolicismo popular na obra do referido autor.

A flora do cerrado é igualmente citada no livro “Pelo Sertão”. Além da palmeira buriti, mencionada no belíssimo texto “Buriti perdido”, é importante citar também a dura e resistente aroeira. O personagem Pedro Barqueiro – vale lembrar – tinha “cada tronco de braço que nem um pedaço de aroeira”. (Arinos, s./d., pp. 94-95) Outras espécies da flora do cerrado são citadas pelo autor.

5. Mitos regionais

No conto “A esteireira” há referência a uma das narrativas populares mais conhecidas na região são-franciscana. Em linguagem poética, Arinos descreve um córrego, com seus sons:

O córrego defluía murmuro e harmonioso – doce prática, quérulo idílio, ou, talvez, bem trovada porfia de acordes, na corte de Mãe-d’Água (Arinos, s./d., p. 49).

Eis aí, citado pelo autor o mito da Mãe-d’Água, a bela náiade que penteia seus longos cabelos com pente de ouro, seduzindo os jovens tripulantes das barcas do Velho Chico conforme a crença dos ribeirinhos. Trata-se de um mito amplamente difundido em toda a região (Neves, 2011, pp. 239-240).

A propósito, é importante mencionar o livro “Lendas e Tradições Brasileiras”, de Arinos, publicado em 1917. Embora pouco divulgado, é reconhecido como precursor pelos estudiosos da cultura popular tradicional.

6. A questão étnica na obra do autor

Embora fosse um homem conservador, de arraigadas convicções monarquistas, Afonso Arinos possuía um espírito aberto, sensível ao sofrimento dos índios, admirador de outras raças e etnias. Em seu poema em

prosa “Buriti perdido”, Arinos faz uma comovente homenagem aos índios, massacrados pelo colonizador. Dirigindo-se à mais bela palmeira do sertão, o buriti, ele lembra a saga dos nativos:

Tu me apareces como o poema vivo de uma raça quase extinta, como a canção dolorosa dos sofrimentos das tribos; como o hino glorioso de seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além!

Por que ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram? (Arinos, s./d., p. 43).

Em outro trecho, Arinos menciona a escravidão a que foram submetidos os índios:

Talvez passassem junto de ti, há dois séculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupi, escravo dos de Piratininga, parou então extático diante da velha palmeira e relembrou os tempos de sua independência, quando as tribos nômadas vagavam livres por esta terra (Arinos, s./d., p. 44).

A expressão “bandeiras invasoras” é bastante significativa. Nos dias atuais, os movimentos indígenas utilizam os termos “invasão”, “conquista”, “genocídio”, “dominação”, para classificar o que é mencionado como “descoberta” e “colonização” na historiografia oficial.

Deve-se ressaltar também a ideia de liberdade confrontando a escravidão a que foram submetidos os índios.

Algum interesse pela miscigenação brasileira destila da obra literária de Afonso Arinos: presentes as etnias formadoras da nacionalidade. Vejamos agora um trecho do romance “Os Jagunços”:

Com efeito, Tia Joana não estava mentindo: Ana era uma rapariga faceira. Ela não estava mais naquela idade de timidez e indecisões, de rubores súbitos e olhos baixos. Era rapariga que já conhecera o mundo e encarava a gente frente a frente, naturalmente, como quem não acha nada estranho. Meã de altura, mais para gorda do que para magra, ela tinha na pele macia essa cor arroxeada que indica as terras de muita seiva.

Não era mulata, nem mameluca, nem cariboca: ali havia por força o sangue de três raças, fundindo-se num exemplar que fazia honra a cada uma; ali havia branco, índio e negro (Arinos, 1985, p. 179).

Confessamos que o parágrafo acima citado nos fez lembrar “Casa Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, embora estejamos cientes das diferenças de gênero literário. A literatura de Arinos é uma matriz geradora de grandes obras embora não seja reconhecida como tal.

Quando Afonso Arinos descreve a mulata, o texto transborda sensualidade. Vejamos sua descrição no livro Pelo sertão:

Conheci-a no sertão. Era uma mulata de estatura regular, cheia de corpo, cadeiras largas e braços grossos. Tremiam-lhe as nádegas a seu passo forte. Trazia sempre à cabeça um lenço de cor, atado junto à nuca, deixando pender as duas pontas, que substituíam as tranças. Ostentava invariavelmente o colo de nambu, descoberto, aparecendo os seios duros, saltitantes, presos no bico pela renda da camisa alva. Cercava-lhe o pescoço um colar grosseiro, pesado, de grandes contas de ouro maciço. Das orelhas pendiam-lhe brincos grandes, também de ouro, em forma de meia-lua. Tinha a pele macia e a carnadura cheia de viço que transudavam seus lábios vermelhos, sempre úmidos (Arinos, s./d., p. 45).

Esta é mais uma descrição de Ana Esteireira. Vejamos, a seguir, outro trecho em que Arinos descreve a personagem: “[...] fazia largos gestos com os lindos braços nus, bronzeados, úmidos e bordados por uma renda de espuma” (Arinos, s./d., p. 47).

Mas o fenótipo predominante na região, resultado da miscigenação, também é mencionado: Filipinho era “um pardo” na caracterização do autor (Arinos, s./d., p. 45).

Ao se referir à beleza física de um personagem negro - Pedro Barqueiro -, Afonso Arinos deixa transparecer ausência de preconceito em seu texto: “[...] era bonito” (Arinos, s./d., pp. 94-95).

7. Um arguto observador do Homem Sertanejo

Cinco anos antes da publicação de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, Afonso Arinos já interpretava o episódio de Canudos com argumentos que posteriormente seriam confirmados e, sistematicamente, enfatizados por historiadores e sociólogos de renome em nosso país. Vejamos, a seguir, seu texto:

Essa luta deveria merecer a atenção dos publicistas, para ser estudada, não simplesmente na trágica irrupção e no desenvolvimento, mas em suas origens profundas, como um fenômeno social importantíssimo para a investigação psicológica e o conhecimento do caráter brasileiro.

Até aqui só eram brasileiros os habitantes das grandes cidades cosmopolitas do litoral; até aqui, toda a atenção dos governos e grande parte dos recursos dos cofres públicos eram empregados na imigração ou no tolo intuito de querer arremedar instituições ou costumes exóticos. O Brasil central era ignorado; se nos sertões existe uma população, dela nada se conhece, dela não cura o Governo; e eis que ela surge, numa estranha e trágica manifestação de energia, afirmando a sua existência e lavrando com o sangue um veementíssimo protesto contra o desprezo a que fora relegada. Eis um elemento com que não contaram os arquitetas de nossas leis e de nossa organização e que surtiu agora, evocando seu direito à vida (Arinos, 1985, última capa).

Este texto foi retirado de um artigo de Arinos publicado no jornal O Comércio de São Paulo em 1897 quando se iniciou a Guerra de Canudos. Precocemente, e com a verve crítica de um cientista social, o referido autor afirma que os governantes do Brasil estavam de costas para o sertão como se as populações sertanejas não tivessem o direito à cidadania em nosso país. Nos dias atuais, fala-se em “Brasil profundo”. Eis esse Brasil no texto de Arinos, acima citado.

Apenas para comparar o artigo de Arinos, no momento da guerra, com a interpretação de um historiador moderno, escolhemos um texto do Professor Francisco Iglésias:

A política dos governadores e outros arranjos de cúpula não significam que o país vivesse em perfeita ordem, com aceitação geral de quanto era feito. Se a República começa com duas revoltas sérias, mais contestações se verificam ainda na primeira década. Uma delas, de enorme significado, é o movimento messiânico de Canudos, de 1897 a 1899. Apontado como de caráter monarquista, é preferível vê-lo não como protesto político, mas explosão social de pobreza e atraso. Antônio Conselheiro, seu líder, não foi o primeiro nem seria o último. População pobre, privada de tudo, sublimava-se em crenças religiosas, na espera do Reino de Deus (Iglésias, 1993, p. 211).

Pode-se perceber que as interpretações do movimento social e religioso de Canudos, escritas por Afonso Arinos e pelo historiador mineiro Francisco Iglesias, têm pontos em comum. O movimento de Canudos é visto por ambos em sua dimensão social e não apenas como um movimento que preconizava a restauração da monarquia. Mas é importante ressaltar a argúcia de Arinos no início da guerra – no momento em que o episódio de Canudos era uma realidade viva e, até mesmo, temida pelas elites brasileiras. Seu texto revela um conhecimento da realidade social a que estava submetido o homem sertanejo. Arinos não esquecer suas raízes. E, naquele momento histórico tão importante, convidava à reflexão os habitantes das “grandes cidades cosmopolitas do litoral”.

8. Referências

- Arinos, A. (1985). *Os jagunços* (3a. ed.). Rio de Janeiro: Philobiblion; Brasília: INL / Fundação Pró-Memória. Coleção Prosa Brasileira, 8.
- Arinos, A. (s./d.). *Pelo sertão*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint / Ediouro. Coleção Prestígio. (Biografia, introdução e notas de Ivan Cavalcanti Proença).
- Bosi, A. (1977). “As letras na Primeira República”. In: B. Fausto (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil republicano*. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL – Difusão Editorial S.A., Tomo III, 2º Vol. (Sociedade e instituições – 1889-1930).
- Bueno, F. da S. (1984). *Vocabulário Tupi-Guarani Português* (3a. ed.). São Paulo: Brasilivros Editora.
- Cândido, A. (2007). *Formação da literatura brasileira – Movimentos decisivos 1750-1880* (11a. ed.). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Melo Franco, Afonso Arinos de (1985). “O sertanejo Afonso Arinos”. In: A. Arinos. *Os jagunços* (3a. ed.). Rio de Janeiro: Philobiblion; Brasília: INL / Fundação Pró-Memória. Coleção Prosa Brasileira, 8.
- Iglésias, F. (1993). *Trajatória política do Brasil (1500-1964)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Neves, Z. (2011). *Navegantes da integração: os remeiros do Rio São Francisco* (2a. ed.) Belo Horizonte: Ed. UFMG. Coleção Humanitas.
- Neves, Z. (2009). *Rio São Francisco – História, navegação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFJF.



Neves, Z. (2006). *Na carreira do Rio São Francisco – Trabalho e sociabilidade dos vapozeiros*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. Coleção Reconquista do Brasil, Vol. 237.

Neves, Z. (2009). *Discurso de posse*. Belo Horizonte: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 14 de março de 2009.

Neves, Z. (2009). “Afonso Arinos”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: IHG-MG, Vol. XXXIII, dezembro de 2009, Perfil.